



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO
SUL DA MATA ATLÂNTICA**

VILMA COUVI PATTE CUZUGNI

**DANÇA DAS ÁRVORES E A DANÇA DA VOZ:
JEITO DE DAR NOME AS CRIANÇAS NO POVO XOKLENG / LAKLÃNÕ**

Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ – SC,

2020

VILMA COUVI PATTE CUZUGNI

**DANÇA DAS ÁRVORES E A DANÇA DA VOZ:
JEITO DE DAR NOME AS CRIANÇAS NO POVO XOKLENG / LAKLÃNÕ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, para obtenção do título de licenciada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Orientador: Professor Dr. Josué Carvalho

Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ – SC,

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) VILMA COUVI PATTÉ, matrícula n.º 16105935, entregou a versão final de seu TCC cujo título é DANÇA DAS ÁRVORES E A DANÇA DA VOZ: Jeito de dar nome às crianças no povo Xokleng, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita do orientador(a) sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13:00 horas, na Sala 324 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador **Josué Carvalho** e Presidente, Professor, **Marília Xavier Cury**, Membro da Banca e Professora **Kércia Priscila Figueiredo Peixoto** Membro da Banca, designados pela Portaria nº 07/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Vilma Couvi Patté Cuzugni**, subordinado ao título de “**DANÇA DAS ÁRVORES E A DANÇA DA VOZ: JEITO DE DAR NOME AS CRIANÇAS NO POVO XOKLENG/LAKLÂNÔ**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Marília Xavier Cury**, a nota final 10,0 da Professora **Kércia Priscila Figueiredo Peixoto**, a nota final 10,0 de Professor **Josué Carvalho**, a nota final 10,0 sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis 13 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Josué Carvalho

Prof. Kércia Priscila Figueiredo Peixoto

Prof. [assinatura]

Candidato Cuzugni

Ficha de identificação

COUVI PATTE CUZUGNI, VILMA
DANÇA DAS ÁRVORES E A DANÇA DA VOZ : JEITO DE DAR NOME
AS CRIANÇAS NO POVO XOKLENG/LAKLÃNÕ / VILMA COUVI PATTE
CUZUGNI ; orientador, Josué Carvalho, 2020.
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Desmatamento. 3. Xokleng/Laklãnõ. 4. Saberes.
5. Espiritualidade/criança.. I. Carvalho, Josué. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

Agradecimentos

Durante quatro anos do curso de Licenciatura do Sul da Mata Atlântica junto a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, foram dias, meses e anos de grandes expectativas para chegar até ao final do curso com resultados positivos para retorno a minha comunidade Xokleng/Laklãnõ.

A Deus minha gratidão por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

E não poderia aqui esquecer meu pai Juká Covi (in memorian) que mesmo na sua simplicidade sempre me incentivou a estudar, em suas palavras, que eu fosse melhor que ele e assim aqui cheguei não para ser melhor, mas para estar onde ele não pode chegar.

Minha gratidão a minha mãe por tudo e em especial a meu esposo Joasias Cuiuta Cuzugni por nunca ter desistido de me apoiar nos estudos, me substituindo e auxiliando sempre nas aulas para que eu pudesse estar na universidade estudando, mesmo sabendo que não era fácil. Ajudou-me nas pesquisas para que pudesse obter respostas e escrever o meu trabalho de conclusão de curso, o que facilitou muito para que este trabalho fosse concluído.

Não poderia deixar de agradecer aos meus filhos Juká, Kóvi, Nakaá, Plinã pelo carinho, amor, mesmo com tantas ausências me compreendiam na certeza que seria o melhor para nossa família.

Meus sinceros agradecimentos a minha comunidade Xokleng/Laklãnõ pela grande sabedoria que ainda podem nos contribuir e a todos que contribuíram para com minha pesquisa.

Por fim, agradeço aos professores da licenciatura que auxiliaram sempre nas aulas, muitas das vezes corrigindo para que o melhor fosse feito por mim e não poderia deixar minha imensa gratidão ao meu orientador Dr. Josué Carvalho, parente pertencente ao povo Kaingang, pelo apoio a minha pesquisa e ter dado todas as chances e ferramentas para que pudesse concluir este trabalho com êxito, você inspira enquanto indígena, enquanto professor, enquanto pessoa. Obrigada.

Resumo:

Ag jóba mẽ kute há toké me tũg kũ nũ ve kũ toké vanh je tũg mũ. Tul tóg ké mẽ tũg mũ, kũ vel pai tũ to nõ te óg blé ù vũ tõvẽ tũg tẽ. Ag tũ nãl vanhõ blé to vagzunkũ ag jágkle han jé dé ù hán jé, like te jé ta nãl ag mẽ u tẽ. Ag tũ agonhka te mẽ ta jóggy tẽ tóg ké ag tũ vanh mẽ vanhógtó han jé, agglan óg jãn jé, kũ vel kótó kute há me tũg te ve kũ tó ké ag tũ to dén han ke te tó ké u tũ te like te jé na kuvol ló kónãg mũ gé ke mũ, ag to dén kág han jé. Ag tũ agonhka tũ ve kũ, to ãklég kũ tó ke ti me tũg tũ jé agglãn óg kle óg jyjy te vinkũ tũ kó jyjy tẽg vã. Tũ ge kũ na mẽ ki kygtug ke tũ tẽ. Ænh txõ ve kũ jé vanh jópalag vã ãnh txõ ãnh jágkle han kũmẽ a blé vazy vẽ jé, kũnã ag jóba te vanhõ mẽ mẽ tólẽl jã, mẽ dén kágklan kũ.

Kũ veg kũ to vanhlan vã de jé ag tũ laklãnõ tũ txukleng tẽ, gẽl te óg klẽ óg jyjy te vin vã ù txi óg tũ ù liken kũ kute há mẽ kó tẽ te mẽ tug tũg jé óg jágkle te jé ãnh txo mãg kũ ve kũto ù like kũ gẽl óg kuplẽg te jóggy te ve kũ to vanhlan vã ag tũ ag jógzẽ te mẽ kutug tũ jé.

Resumo:

É de muita preocupação o que está acontecendo com nossas matas, nas terras indígenas. O desmatamento aconteceu muito rápido e não há ações preventivas por parte dos órgãos governamentais para solução desse grave problema. Encontrar uma solução, iniciativa onde não apenas a comunidade indígena, mas a sociedade de modo geral comece a compreender que estamos nos encontrando em uma situação emergencial é de fundamental importância. Para nós indígenas já é difícil encontrar muitas das árvores nativas que serviam como chás, alimentos para nossas crianças, plantas com significados importantes para meu povo e hoje já não fazem mais uso delas porque não são mais encontradas e outras estão longe para buscá-las ou nem sabemos se ainda existem ou se foram exterminadas, o que para manutenção das formas próprias do viver do Xokleng elas são fundamentais. O Povo Xokleng, pensando numa forma de não deixar a floresta morrer, em atos ritualísticos, vem dando o nome de árvores em vias de extinção a seus filhos acredita-se que dessa forma ela nunca morrerá. O intuito do estudo é para além de apresentar os modos do povo Xokleng de dar nome as crianças é também discutir alternativas de reflorestamento, para o combate do desmatamento não só nas terras indígenas, mas junto à sociedade, tendo as práticas indígenas de reflorestar como guia.

Palavras-chave: Desmatamento, Xokleng, saberes, espiritualidade, criança.

Listas de fotos

Foto 1. Arquivo Clede Marcus, déc. 80. (encontrada no TCC de Neuton Calebe Ndili, Xokleng, em 2014).

Foto 2. Deslizamento de terra na estrada geral durante o período de cheia do rio. Aldeia Figueirinha, 2014, acervo nosso.

Foto 3. Arquivo pessoal Welithon Juká S. Motta 2018.

Foto 4. Alexandre Namem 2000. Juká Covi (in memorian, junho de 2004, meu avô e pai, filho de Kovi Patté o primeiro índio a ter contato com Eduardo Hoehran).

Foto 5. Arquivo pessoal Welithon Juká S. Motta 2018.

Foto 6. Juká Covi, arquivo Alexandre Namem 2000 (in memory, junho de 2004, meu avô e pai, filho de Kovi Patté o primeiro índio a ter contato com Eduardo Hoehran).

Foto 7. Kovi Patte in memorian anos 80, primeiro índio Xokleng a ter com contato com Eduardo Hoehran em 1914).

Foto 8. Welisson Kóvi Motta, 2019, trisneto de Kovi.

Foto 9. Arquivo Abraão Patté. Nakaá Patté, 1986 in memorian (Filho de Kovi Patte).

Foto 10. Iago Nakaá da S. Motta 2016, arquivo próprio.

Foto 11 e 12. Hadassa Plinã Patté Cuzugni, 2018 /2019. Arquivo próprio.

Foto 13. De Josiane Tschucambang 2018. Esquerda para direita. Astrid, Kanan, Josiane Uglon, Mogjã, Eduarda vanh kyl.

Foto 14. Jéssica Priprá, filho Kózy, 2018, arquivo próprio.

Foto 15. Arquivo próprio. Joasias C. Cuzugni, Serra Verde, aula prática com alunos 2º ano médio, agosto 2019.

Listas de tabelas e mapas

Mapa Da Terra Indígena Laklãnõ/Geografia Da Terra Indígena Laklãnõ.

Tabela dos nomes das plantas em extinção na T.I Laklãnõ.

Lista de abreviaturas e siglas

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

SPIILTN: Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura criado pelo Governo Federal.

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

APREMAVI: Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí.

UNIASSELVI: Centro Universitário Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Objetivo geral.....	14
Objetivos específicos.....	14
Percurso metodológico.....	15
CAPITULO 1. A TERRA INDÍGENA XOKLENG/LAKLÃNÕ: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	16
CAPITULO 2. MODO E NOMEAÇÃO DO POVO XOKLENG / LAKLÃNÕ APARTIR DAS ÁRVORES E JEITO DE ENSINAR SOBRE AS MARCAS DAS CRIANÇAS	22
2.1. As formas Xokleng/Laklãnõ de localização no território a partir do nome das árvores.....	29
2.2. A dança das arvores e a dança da voz.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

“Quem gosta de mato é índio”; “Quem vive no mato é índio”; “Quem precisa de mato é índio”.

É comum ouvir do senso comum esse tipo de argumento ao se remeter as populações indígenas. Na maioria das vezes dito ao indígena com propósito negativo, não traduz o respeito às formas diferentes do outro viver e conceber o ambiente em que vive. Junto a essa forma de se referir ao indígena, a contar dos primeiros contatos com o “colonizador”, os impactos e danos do contato na vida indígena são inúmeros, vai desde a tentativa de assassinato da cultura por parte do colonizador, as tentativas de assassinato da mãe terra, do ecossistema, em nome da dita evolução, onde o capitalismo impera. Após mais de 500 anos de contato, o que tem restado aos diferentes povos indígenas em diferentes cantos do país, é a lutar pela sobrevivência, não apenas enquanto indivíduos, mas também lutar para não deixar seus modos de vida se esvaírem como as cinzas das queimadas, das derrubadas das árvores, dos rios que secam, seja pela poluição ou pela floresta que antes o cobria e que era parte fundamental para continuar a viver e que não existe mais. O que restou às populações indígenas foi viver em pequenos aldeamentos demarcados pelo governo, terras na maioria das vezes não produtivas para o plantio e com poucas áreas verdes. A floresta, a terra para os indígenas é fundamental não apenas para tirar o alimento necessário cotidiano (culinária tradicional), mas também para existência da vida humana.

No presente é de muita preocupação o que está acontecendo com as matas nas terras indígenas. O desmatamento aconteceu muito rápido e não há ações preventivas por parte dos órgãos governamentais para solução dessa problemática. Encontrar uma solução, iniciativa onde não apenas a comunidade indígena, mas a sociedade de modo geral começa a compreender que entramos todos, numa situação de emergência e de fundamental importância, para continuidade da vida, é emergente. Nós indígenas entendemos que a terra, a natureza é nossa mãe, ela fornece o alimento necessário para nossa sobrevivência, por isso, precisamos também cuidar dela. A sociedade de modo geral precisa entender que cuidar da natureza não é só coisa de índio, mas todos somos responsáveis por ela, precisamos cuidá-la.

Devido ao desmatamento que ocorre com grande intensidade, com o processo de colonização pelo não indígena, para nós indígenas já é difícil encontrar muitas das

árvores nativas frutíferas ou que serviam para remédios e outras necessárias para a fabricação do arco e a flecha, assim como também, para construção das moradias. Outras necessárias para realização dos rituais xamânicos e ou mesmo, que são para o povo Xokleng/Laklãnõ como suportes para transmissão dos saberes sobre a cultura material e acesso ao imaterial, ao sagrado.

A mercê dessa falta de iniciativas para proteção do ecossistema, o povo Xokleng/Laklãnõ, pensando numa forma de não deixar a floresta morrer, em atos ritualísticos, vem dando o nome de árvores em vias de extinção a seus filhos e filhas. Acredita-se, que dessa forma essas árvores não morrerão. Na crença Xokleng/Laklãnõ a criança ao receber o nome da árvore se tornará responsável por ela, o ancião ao dar o nome para criança conta a história da árvore, o significado e utilidade dela para os Xokleng/Laklãnõ, a criança então tem como meta cuidar para que a árvore não morra e se ela não existe mais, é instigado a criança quando crescer, trazer de volta a árvore para aldeia.

Sou Vilma Couvi Patté Cuzugni, Xokleng/Laklãnõ. Nasci na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ, no alto vale do Itajaí em Santa Catarina, onde ainda vivo e onde desenvolvo os estudos que aqui apresento. Minha mãe biológica Odilma Couvi conta que meu pai avô e minha mãe avó Mbu Camem, perderam seu último filho (meu tio), ele acabou falecendo e eles estava sofrendo muito com isso e então disseram para minha mãe que quando eu nascesse, era para me deixar para eles e ela acabou concordando pois eu seria uma menina sem pai, pois não fui assumida pelo meu pai biológico e na época também era costume dos avós escolherem um neto ou neta para criarem como filho. No presente esse costume ainda vigora no interior da Terra Indígena, mas de modo informal, pois as leis dos não indígenas proíbem esse costume.

Nasci em 30 de março 1979, e minha mãe biológica atendendo ao pedido de seus pais, me entregou como filha para meus avós. Minha mãe biológica conta que foi um dia muito feliz para meu pai avô. *Ele foi no cartório e te registrou como filha dele.* Porém, eles contam que na época não foi permitido colocar meu indígena 'Kocta', nome de minha bisavó materna. Era proibido os pais registrarem seus filhos com nome indígena, tinha de ser um nome comum aos não indígenas. Quando fiz dois anos. Minha mãe avó faleceu, a partir de então fiquei aos cuidados da minha mãe biológica junto com meu pai avô, pai dela e da minha irmã biológica mais velha.

Sou casada e tenho quatro filhos, todos com nome indígena, já que eu não pude ter o nome em Xokleng/Laklãnõ na certidão, mas hoje todos me conhecem pelo meu nome indígena e muitas das vezes ao conversar com alguns anciões da aldeia e me identifico como Kógta é muito difícil eles não comentar algo que fale sobre a pessoa da qual recebi o nome e isso é muito importante para mim apesar de nunca tê-la conhecida mas sinto como se tivesse convivido com ela.

. Com a proibição do cartório em registrar o nome indígena, meu pai conta que muitas das vezes o nome era sugerido por Eduardo Hoerhan e o nome Xokleng/Laklãnõ acabava sendo só conhecido pelos pais da criança, que com o tempo iria se perdendo. Conta também que muitos pais, ao serem proibidos de colocar o nome dos filhos como era feito tradicionalmente, foram deixando a prática de dar nome indígena, que acontecia em momentos ritualísticos algum tempo depois que a criança nascesse.

Em meados dos anos 80 ocorreu uma grande enchente e destruiu muitas casas indígenas na T.I. Os indígenas moravam próximos ao rio e com a enchente muitas pessoas perderam todos seus documentos, o que foi preciso refazer. Ao refazer os documentos alguns indígenas reivindicaram novamente seu indígena, embora houvesse resistência, como contam os velhos, alguns conseguiram registrar seu nome em Xokleng/Laklãnõ. Nesse processo contaram, conforme lembram os mais velhos, com a ajuda do Antropólogo Alexandre Namem que na época havia iniciado sua pesquisa na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ sobre os nomes indígenas. Como contrapartida de sua pesquisa, o antropólogo se comprometeu em buscar junto aos órgãos públicos o direito de o indígena Xokleng/Laklãnõ, ter seu nome indígena na certidão de nascimento.

Em meado dos anos 2000, a partir dessa iniciativa o povo Xokleng/Laklãnõ, passou a ter direito em registrar seu nome indígena, o que suscitou à volta tradicional de dar nome as crianças recém-nascidas. Na cidade de José Boiteux o cartório já tem uma lista de nomes Xokleng/Laklãnõ e a forma correta de escrever disponível em seu acervo.

Sou professora na E.I.E. Laklãnõ, formada no magistério diferenciado bilíngue, cursando licenciatura de português na Uniasselvi (matricula trancada) e o que apresento nesse estudo é parte de minhas pesquisas de conclusão de curso para obter o título de licenciada no curso de Licenciatura intercultural do sul da mata Atlântica, junto a Universidade Federal de Santa Catarina.

O estudo que aqui apresento foi realizado na Terra Indígena Laklãnõ, no percurso buscamos conversar com os mais velhos da Terra Indígena para registrar as memórias deles, ao que se refere às formas tradicionais de dar nome às crianças no passado e no presente, especificamente, entender mais sobre o sentido de dar nome as crianças tendo as árvores como referências. O intuito da pesquisa também foi dar luz para o que muitos acham que é impossível ou está difícil de ser revitalizado por conta do processo de desintegração cultural sofrido pelo contato com a cultura do não indígena ainda no presente. Entretanto o povo Xokleng/Laklãnõ, a marcar especificamente da década da então pacificação (1914), vem se munindo de inúmeras estratégias para recuperar e revitalizar seus modos de vida, ver, viver e conceber-se no mundo, pois, coma pacificação, o intuito do colonizador era de fazer com que o indígena abandonasse sua cultura e integrasse a sociedade local, nacional mas para isso negando quem era, de onde vinha.

Mais recentemente a marcar de mais ou menos 20 anos, devido ao desmatamento desenfreado por conta de madeireiras e o processo de tornar a região economicamente produtiva aos olhos governamentais, percebendo que a mata nativa estava se acabando na região e principalmente na terra indígena, algumas famílias com integrantes mais velhos (sábios, anciões) vem colocando, ao nascer uma criança o nome de árvores nativas já extintas na comunidade ou em vias de extinção. Os velhos acreditam que às árvores são também guardiãs de memórias, carregam consigo a ligação dos tempos material e imaterial e, carregam consigo as andanças dos indígenas. Oferecem o alimento e a cura para/do corpo, alma. Ao passarem por uma árvore os velhos relembram e contam histórias, acontecimentos que compartilharam com ela e vice-versa no decorrer da vida.

Na proposta de estudos tivemos como objetivos:

Objetivo geral:

Registrar a partir das memórias dos velhos as formas tradicionais Xokleng/Laklãnõ de dar nomes aos filhos e de quais estratégias, após inúmeras tentativas de desintegração cultural sofrido por eles, se valeram para preservar a prática e, qual o sentido ela vem tomando principalmente no presente.

Objetivos específicos:

- Descrever sobre as formas Xokleng/Laklãnõ de dar nome às crianças a partir das narrativas dos mais velhos;
- Descrever sobre os usos da medicina tradicional Xokleng/Laklãnõ e da espiritualidade ao dar nome às crianças;
- Entender como os modos de dar nomes aos indígenas se dão como forma de não deixar as plantas em vias de extinção morrerem.

Percurso metodológico

O estudo está embasado teoricamente no método de pesquisa etnográfica, história de vida e bibliográfica. Sabe-se que a pesquisa etnográfica é uma metodologia das ciências sociais, principalmente do campo da antropologia, onde o foco é o estudo da cultura e o comportamento dos grupos sociais. Uma linha de pesquisa que busca compreender e entender a importância de endereçamento e pertencimento presentes no ato da pesquisa. O método de história de vida por sua vez possui uma dupla dimensão: a descrição de fatos e a busca de sentido. Segundo Lévy (2001), “os fatos fazem parte de uma experiência de vida singular, inscrita num universo de relações sociais, de classe, de poder, que reenvia às condições sociais de existência”. Favret-Saada, (1977), entende que no método história de vida, o sentido é o que faz sentido para as pessoas; ele não está na própria história nem mesmo em sua narrativa, mas é apreendido/construído na retomada posterior do que foi narrado, no movimento de pensamento no qual é representado. Segundo Levy (2001), não no próprio passado, “mas no ato que o reitera como em uma fuga de *Bach*, na qual o mesmo tema, retomado em suas diferentes variantes, adquire sua significação dinâmica; na qual a dimensão do tempo é, pois, primordial, na medida em que faz existir concretamente o desvio irreprimível e a tensão que dele resulta”.

Em relação à pesquisa bibliográfica, é sabido que essa consiste na etapa inicial de todo o trabalho científico ou acadêmico, com o objetivo de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema. A partir da pesquisa bibliográfica pode-se descobrir qual a melhor metodologia a ser utilizada para produzir o trabalho. O levantamento bibliográfico é normalmente feito a partir da análise de fontes secundárias que abordam, de diferentes maneiras, o tema escolhido para estudo. As fontes podem ser livros,

artigos, documentos monográficos, periódicos (jornais, revistas, etc.), textos disponíveis em sites confiáveis, entre outros locais que apresentam um conteúdo documentado.

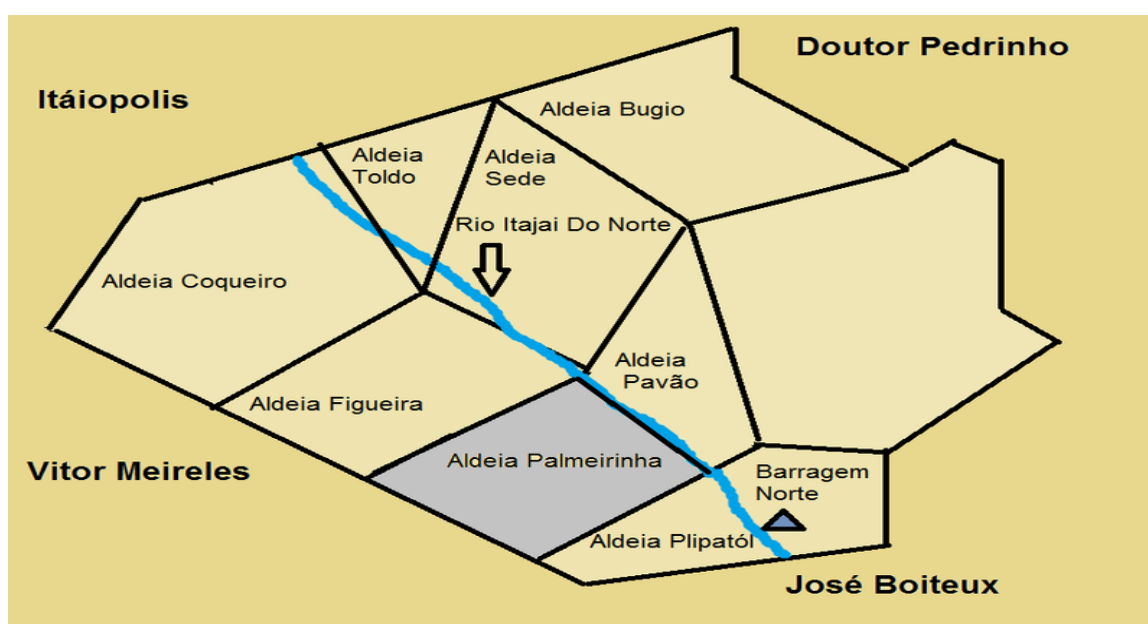
Entretanto, enquanto para o pesquisador acadêmico não indígena, a etapa primeira do trabalho científico está no levantamento bibliográfico, para o pesquisador indígena, a etapa primeira da pesquisa está em primeiro conhecer o campo de pesquisa, as possibilidades de pesquisa, prioritariamente que tragam sentido a comunidade, o pesquisador indígena é uma porta voz das vozes da comunidade em seus trabalhos, seja de cunho acadêmico ou outras atuações posteriores. Desse modo, antes de o pesquisador indígena desenvolver qualquer conexão com bibliografias e ou correntes teóricas, ele fez previamente a pesquisa de campo na sua comunidade.

Vale registrar que embora apontamos aqui para correntes de pesquisas a qual estamos embasados, não é de nosso intuito nos aprofundarmos nelas, nosso interesse está em saber também e destacar as filosofias indígenas de pensar a pessoa e viver em sociedade. A pesquisa está embasada nas narrativas narradas pelos velhos da comunidade, também gravamos algumas falas. Na maior parte do tempo em campo nada levei, senão os ouvidos e os olhos, porque por mais que estivesse numa pesquisa do campo, com intuito acadêmico, também estava como uma integrante da comunidade a qual os velhos ao contarem suas histórias, narram para além da pesquisadora. No campo, não houve um momento de sentar e dizer estamos fazendo uma entrevista e você é o entrevistado, durante vários momentos eu perguntava e só depois dizia que minha pesquisa estava relacionada ao que conversávamos, os velhos se mostravam felizes e afirmavam ser de extrema importância o registro de seus saberes no livro.

Para mim o mais importante que com essa pesquisa aprendi muita coisa pois além de ser no momento uma pesquisadora também fui como aprendiz, como aluna do sábio, caminhando entre as matas, subindo serras para conhecer as plantas e não só ficar no conhecimento de nome algo abstrato mas, senti a necessidade de estar lá, ver e sentir a sensação de estar participando daquele momento de conhecimento junto com os alunos e isso foi gratificante e importante para meu conhecimento e aprimoramento da minha pesquisa.

CAPITULO I. A TERRA INDÍGENA XOKLENG/LAKLÃNÕ: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Atualmente o Povo Xokleng/Laklãnõ vive na região sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, no alto vale do Itajaí. É uma etnia única no Brasil. A Terra Indígena faz divisa com quatro municípios, sendo eles: José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e Itainópolis (noroeste catarinense). A Terra Indígena comporta nove aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão e *Plipatól* e a mais nova aldeia que em novembro de 2019 denominou-se como *kóplá*, que fica perto da aldeia Plipatol.



Mapa 1: Mapa Da Terra Indígena Laklãnõ. Fonte: Patté (2019).

É interessante relatar aqui a pesquisa realizada por Fusinato (2016) sobre as terras indígenas dos Xokleng/Laklãnõ;

[...] Reconhecida a discussão sobre os povos indígenas no Sul do Brasil e seu aldeamento, em reservas a fim de facilitar a fixação e o trabalho dos colonos que se instalaram historicamente na região, retoma-se aqui uma breve descrição do processo de demarcação da Área Indígena instalada no Vale do Itajaí do Norte/SC no início do século XX, cujaparte das terras encontram-se no município de José Boiteux. Isto se faz com o objetivo de dar uma ideia sobre esse espaço, enquanto território dos Povos Xokleng/Laklãnõ, Kaingang e Guarani e do Povo Cafuzo que viveu na área no período anterior e durante a construção da Barragem Norte. (Fusinato 2016, pág.43).

Segundo os escritos de Fusinato (2016) a Terra Indígena começou os processos de marcação Criada em meados de 1910, a partir da ação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/ITN), órgão vinculado ao Ministério da Agricultura criado pelo Governo Federal. Os inscritos afirmam que desde os processos de demarcação a Terra Indígena recebeu diferentes denominações e perdurou ao longo do século XX. Mais recentemente, em meados de 1999, através do movimento de revitalização da identidade do povo que vive na área, passou a denominar-se Terra Indígena xokleng/Laklanõ.

Ainda, sobre os primeiros contatos com o não indígena Santos (1970) descreve que,

Localizados no Duque de Caxias, no estreito Vale do Itajaí do Norte, os Xokleng/Laklanõ foram submetidos a técnica do contato controlado. A caça e a pesca foram substituídas por práticas agrícolas e a dieta do grupo nômade caçador, foi alterada. Em seguida o grupo foi sucessivamente sofrendo mudanças em sua organização social, e no conjunto de crenças e valores que explicavam e validavam seu mundo Tribal (SANTOS, 1970, p. 115).

A contar do ano de 1914, ano da então pacificação, o povo Xokleng/Laklanõ, tem mais de 105 anos de resistência. Pacificação realizada por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, enviado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Segundo dados da FUNAI (2016) a população é de aproximadamente 878 famílias, somando no total de 2.200 indígenas, é constituída principalmente pelos sobreviventes do povo Xokleng/Laklanõ, mas também de alguns descendentes do povo Kaingang e Guarani Mbya, que migraram para a T.I., ao longo dos anos.

No presente a questão da demarcação da terra continua em processo no supremo tribunal federal em Brasília, sendo que apenas 14.000 mil hectares são homologados e ocupados para usufruto da comunidade Xokleng/Laklanõ e 23.000 mil estão em processo de homologação.

O Povo Xokleng/Laklanõ junto com o Povo Kaingang, faz parte do tronco linguístico Jê Meridional, a língua "Xokleng", um idioma próximo ao Kaingang. Enquanto Xokleng é possível entender alguma coisa da língua Kaingang, mas é difícil falar no idioma. Nos últimos vinte anos, o número de falantes de Xokleng reduziu bastante. A grande maioria dos jovens é monolíngue em português. Isso se deve ao aumento de casamentos com não indígenas; às inúmeras rupturas sociais, políticas,

econômicas e culturais provocadas pela construção da Barragem Norte; e à presença de escolas para indígenas com a mesma grade curricular das demais escolas públicas, que não estimulam e nem consideram as particularidades culturais do povo.

Quando falamos em reflorestar na comunidade, percebe-se que há uma grande revolta por parte dos Xokleng/Laklãnõ por conta da Barragem Norte. Para os Xokleng a construção da barragem causou o desmatamento que já vinha acontecendo desde o contato com o não indígena. Antes, segundo contam os velhos existia apenas uma aldeia, com a chegada da barragem aconteceram às divisões. Essas afirmações também encontraram nos escritos de Patté (2015).

[...] houve a divisão espacial de um povo que vivia em um grupo só e depois da barragem teve que sair de suas casas que se situavam às margens do rio para irem a lugares mais altos da terra indígena para escapar da enchente, dividindo essa única aldeia, até essa construção, em vários grupos, desestabilizando a coletividade, a organização social e política tradicional do povo. (PATTÉ, 2015, p. 11).

A Barragem Norte trouxe para os Xokleng/Laklãnõ grandes mudanças, onde o povo teve de se adaptar a uma nova realidade. Sair de suas casas que era perto do rio, a pesca já não foi mais como antes. Os velhos contam com tristeza os impactos causados na vida do povo: *é triste olhar para tudo que tinha a beira do rio e perceber que a cada enchente a lama tomava e toma conta deixando uma realidade triste, onde nem pescar*



Foto 1. Arquivo Clede Marcus, déc. 80. (encontrada no TCC de Neuton Calebe Ndili, Xokleng, em 2014)

Ndili (2014), professor da Escola Laklãnõ e aluno da primeira turma da licenciatura Indígena na Universidade Federal de Santa Catarina, em sua pesquisa de tcc relata o seguinte:

Hoje, o povo Xokleng/Laklãnõ sofre e lamenta a construção da barragem. Na época da sua construção nenhum indígena foi consultado e não foram realizados estudos antropológicos e ambientais. Também não foram previstas medidas de indenização ou qualquer projeto de reestruturação da economia indígena, ao contrário, com a BN intensificou-se o desmatamento de espécies nativas nas encostas e na beira do rio Hercílio como cedro, peroba, ipê, canela e sassafrás. A justificativa era de que as águas da barragem cobririam todo o solo e melhor seria aproveitar a madeira. (NDILI, 2014, p. 31)

Com o desmatamento, as águas que alagam a Terra Indígena, sofreram diminuição significativa e conseqüentemente a população de animais nativos, como o bugio, a anta, a capivara e o veado, animais sagrados para nós, no presente são raros de serem encontrados.

Em época de cheias, a Barragem Norte causa inundação das estradas de acesso à Terra Indígena Laklãnõ, o que, além de prejudicar a locomoção dos indígenas, também acelera o processo de erosão e desbarrancamento das encostas trazendo consigo muitas árvores, ervas e etc. As águas do rio acabaram sumindo transformando-se em lamas, ocasionando o desaparecimento de muitas espécies de peixes.



Foto de 2: Deslizamento de terra na estrada geral durante o período de cheia do rio. Aldeia Figueirinha, 2014, acervo nosso.

A comunidade indígena Xokleng nesses mais de 30 anos de história da barragem Norte, vem lutando incansavelmente para garantir seus direitos a uma justa indenização pelos prejuízos sofridos com a construção. Já foram identificados vários problemas na Terra Indígena: desmatamento de árvores nativas, matas ciliares e frutíferas, perda de patrimônios culturais, desaparecimento de animais e peixes, infertilidade da terra para plantação, moradia em encostas e morro, difícil acesso em épocas de cheias e desmoronamento de terras em estradas e casas que acabam ficando inundadas nos períodos de chuva e as famílias acabam ficando desabrigadas. Junto a toda essa problemática, cada vez mais vem sendo detectado doenças nos indígenas da comunidade, oriundos da falta de tratamento da água para beber.

Ao serem questionados, os Xokleng afirmam que a Barragem Norte é sim uma das principais causadoras de grandes perdas para comunidade, pois afetou de certa forma grande parte da história do povo modificando sua forma de viver.

Ainda na universidade, no percurso de preparação para entrada no campo, na biblioteca da universidade da UFSC tivemos uma breve apresentação de como fazer a pesquisa no meio digital e logo após fomos procurar nos acervos bibliográficos temas relacionados à pesquisa na biblioteca universitária. Dessa forma encontrei o livro TERRAS INDÍGENAS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, Instituto socioambiental, novembro de 2004. O livro relata a preocupação desde muito tempo com relação ao desmatamento e extinção de árvores nativas. Fiquei feliz porque encontrei falas de líderes que hoje já não atuam mais como líderes, mas que compartilham ainda das mesmas preocupações que é a minha, sobre a extinção de árvores nativas.

Minha surpresa maior foi encontrar desde aquela época a participação da Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí – APREMAVI, órgão que trabalha com reflorestamento de matas nativas e que já tiveram alguma participação junto à comunidade, mas que por vários motivos não conseguiram reflorestar alguns lugares bastante devastados pelo homem branco, porque ainda não estava demarcada a terra e poderia gerar conflito entre os Xokleng/Laklãnõ e os não indígenas. Recentemente a APREMAVI participou de entregas de mudas de plantas na Escola Indígena Laklãnõ, mas a iniciativa não teve continuidade na comunidade.

No mesmo livro, encontrei um trecho de uma frase dita por um indígena a APREMAVI:

[...] Nós não utilizamos o termo meio ambiente é uma expressão de outra gente, é uma expressão dos brancos. O que vocês chamam de meio ambiente é o que sobra do que vocês destruíram. (*Xamã Davi Copenawa Yanomami, A outra margem do Ocidente*)

E com esta carta a APREMAVI faz um relatório de urgência e diz o seguinte:

A ideia de proteção do meio ambiente traz em si, porém, sem dúvida de forma intencional. Porque a sobrevivência de um conjunto sempre crescente de não humanos agora mais bem protegidos dos prejuízos causados pela ação humana, se torna cada vez mais subordinada a essas ações humanas e responsabiliza FUNAI e o IBAMA pela devastação. (*Philippe Descola, A outra margem do Ocidente*)

O povo Xokleng/Laklãnõ por muitos anos vem sofrendo por questões da influência de uma cultura que não é sua. Com a redução de suas terras passou a ter acesso de modo desenfreado à cultura do outro, que num primeiro momento se mostra atrativa, e que fisga as novas gerações. A influência é percebida principalmente na escola os mais novos se encontram diariamente, a escola sugere uma educação diferenciada, mas como afirmam os mais velhos – *ainda é uma coisa de branco*.

A partir do momento em que a escola passou a vigorar na comunidade como uma escola de educação diferenciada indígena, plantou uma imagem para muitos indígenas Xokleng, como sendo a responsável pela educação dos alunos num todo, ignorando a educação indígena. Nesse sentido, muitos pais acreditam que é de responsabilidade da escola ensinar o idioma, cultura, ensinamentos sobre natureza e etc. E por isso, professores da cultura e artes diferenciada tem se empenhado nesse papel para que os alunos ou comunidade que juntos participam, tenham ainda a oportunidade de saber sobre seu povo.

CAPÍTULO 2. MODOS DE NOMEAÇÃO DO POVO XOKLENG/LAKLÃNÕ APARTIR DAS ÁRVORES E JEITO DE ENSINAR SOBRE AS MARCAS CORPORAIS DA CRIANÇA

Meus filhos ao nascerem foram todos registrados com nome Xokleng/Laklãnõ. Meu primeiro filho, ao nascer recebeu o nome indígena de *Juká*, nome de meu pai avô,

em sua homenagem, naquele tempo ainda não havia começado os jeitos de dar nome com nome das árvores como vem acontecendo atualmente. Dei o nome de meu pai avô para que meu filho herdasse os conhecimentos e sabedoria dele, era assim que antigamente os nomes também eram dados às crianças. Era dado um nome do mato ou de algum animal, nome de um parente ou ancestral, ao receber o nome entendia que a criança carregaria consigo todo ensinamento e história, saber contido nele. Um nome não era dado porque era bonito, mas também pela significância contida nele.

Meu segundo filho se chama *kóvi*, nome de meu bisavô, pai de meu pai, primeiro índio Xokleng/Laklãnõ a ter contato com o colonizador. Na época meu pai não estava mais entre nós, mas entendi que era necessário continuar porque meus filhos por serem mestiços (o pai deles é um não indígena), na época ainda tinham um pouco de rejeição por parte da comunidade Xokleng/Laklãnõ, por serem filhos de um não indígena, pensei então, ser também necessário reafirmar a identidade cultural deles através do nome indígena, principalmente com os nomes de seu bisavô e tataravô, pois eram indígenas muito tradicionais em com grande atuação na defesa de seu povo. Assim também foi dado o nome de meu terceiro filho, *Nakaá*, nome de meu tio avô, irmão de meu pai avô.



Foto 5: Juká Covi (in memoriam, junho de 2004, meu avô e pai, filho de Kovi Patté o primeiro índio a ter contato com Eduardo Hoehran). Fonte: Alexandre Namem (2000) Foto 6: Welithon Juká S. Motta 2018, acervo pessoal.

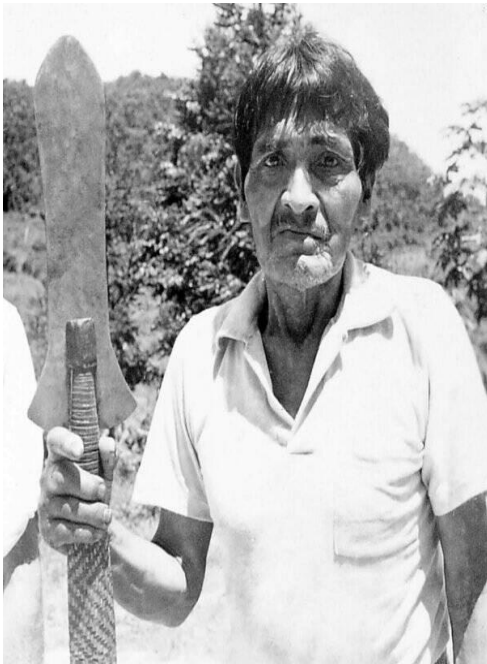


Foto 7: Kovi Patte (in memmorian, anos 80, primeiro indioxokleng a ter com contato com Eduardo Hoerhan em 1914). Fonte: Foto 8: Welisson Kóvi Motta (2019), trisneto de Kovi. Fonte: Acervo pessoal.

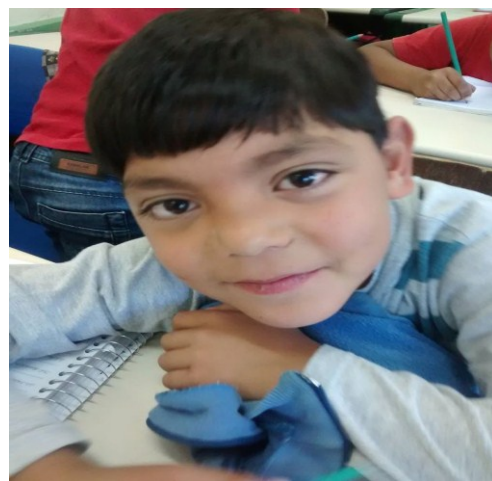


Foto 9: Nakaá Patté (in memorian), filho de Kovi Patté, 1986. Foto 10: Iago Nakaá da S. Motta (2016). Fonte: Acervo pessoal.

Quando minha filha nasceu, da minha união dessa vez com um indígena Xokleng/Laklãnõ, escolhemos um nome não mais de pessoas como aconteceu com os meus três filhos meninos. Meu companheiro sugeriu que déssemos um nome que tivesse a ver com nossa cultura, mas que não fosse ligado a nome de pessoas. Precisava ser um nome que chamasse atenção para algo importante na nossa cultura e assim ele fez uma lista nomes, mas quando ela nasceu percebemos que ela tinha bastante cabelos, o que chamou atenção de quem chegava para visitar. Alguns dizem que parecia com samambaia, de onde originou seu nome. Nossa filha se chama *Plinã* (samambaia esticada ou estendida). Os velhos Xokleng/Laklãnõ, contam que nos tempos antigos, nas andanças, quando ainda existia mata, eles usavam os ramos da samambaia para fazer suas camas, onde pernoitavam.

Plinã veio a nós pela natureza e representa o lugar onde é possível descansar, representa também reflexão e sabedoria, pois é também quando deitamos nosso corpo em repouso que podemos viajar pelos olhos da imaginação, pelo que vimos, vivemos e olhamos e assim para o futuro. Representa parte dos modos de vida do Povo Xokleng/Laklãnõ e ao receber o nome, Ela se torna também parte e guardiã dos costumes antigos, das memórias que suscitam seu nome.



Foto 11 e 12: Hadassa Plinã P. Cuzugni (2019). Fonte: Acervo pessoal.

No campo ao ouvir as histórias que envolvem os modos de dar nome as crianças, Joasias, indígena Xokleng de 36 anos, lembra que seus avós sempre afirmavam que dar nomes para as crianças quando nascem é sagrado e fundamental para as famílias. Segundo os velhos contam, antigamente nomear a criança recém-nascida era comemorada com grandes festas, pois nascia mais um membro da comunidade. Era dado um chá para a criança (bebida tradicional). O chá tinha o gosto amargo pelas composições de ervas, mas era importante, pois também servia como anestésico e anti-inflamatório, pois no ritual de dar o nome também era feita a perfuração dos lábios no menino. Na menina era colocado uma faixa feita de embira e colocado em sua perna esquerda.

O objeto/madeira que ficava na perfuração dos lábios do menino era chamado de “bodoque”, com o passar do tempo iam trocando por tamanhos maiores, até o que o menino aguentasse e quando adulto resolvesse não alargar mais a perfuração. O bodoque era feito com madeira específica que no presente está em vias de extinção por conta do desmatamento.

Na menina, conforme fosse crescendo a faixa em sua perna era trocada até a vida adulta, no percorrer da vida da menina, a troca de faixa era marcada por rituais para lavagem do corpo com ervas medicinais, próprias para preparação das mudanças do corpo delas.

Entretanto, conforme já mencionamos anteriormente, a prática de dar nome de árvores às crianças é bastante recente, se trata de uma estratégia para não deixar as árvores em vias de extinção se perderem. Mas, a forma como alguns Xokleng vem nomeando seus filhos com nomes de plantas ou algo que simbolize a vida de seus filhos não quer dizer que os Xokleng vêm deixando seus modos antigos de lado, ao contrário, conforme registram os velhos, é seu modo de resistir às investidas de perda cultural. Embora sugerirmos que seja essa uma prática bastante recente, não quer dizer que já existia no passado, porém de forma de menos intensa e sem o mesmo propósito que acontece atualmente. Os nomes Xokleng sempre foram dados com significados distintos como, por exemplo: *Klêdo* (Klê - montanha), (*do ou dol* - buraco em cima), ou seja, buraco em cima da montanha.

Em conversa com Josiane Uglon, professora indígena Xokleng de 38 anos, pertencente a umas das famílias mais tradicionais¹ da aldeia, quis saber sobre os modos de dar nome a seus filhos, ela sugere que segue o mesmo formato em que dei nome aos meus filhos, ou seja, com nomes de um parente antigo e ou nome do mato. Sua filha do meio Astrid, traz o nome indígena de *Vailui*, dado a ela para representar o nome de sua tia avó, mas também porque ela era uma mulher que gostava muito de pescar, porém, não sabia nadar e por isso hoje a Astrid é a *Vailui lum Vanh* (não sabe remar). Segundo conta Josiane, *Vailui* traz consigo a mesma personalidade de sua tia avó, a qual herdou o nome, assim como habilidades muito similares. Ainda, segunda ela, seus outros filhos também apresentam características semelhantes a quem herdaram o nome.



Foto 13. Família de Josiane. Da esquerda para direita Vailui; no centro Josiane Uglon e Mogjã; atrás seu esposo Kanan e a direita Eduarda Vanhkyl.

¹ Entendo nesse contexto, a ideia de famílias mais tradicionais, aquelas que ainda mantem as formas de união conforme os costumes antigos e ainda preservam muito do conhecimento dos ancestrais.

Percebi que na comunidade Xokleng/Laklãnõ as famílias tem o costume de nomear seus filhos com o nome indígena porque o mais importante também para algumas pessoas e os não índios respeitá-los como índio e eles ter como provar isso. Mas as homenagens ainda são bastante frequentes.

Jeonilto Veitcha Crendo, indígena Xokleng, 38 anos, morador da aldeia sede, diz que geralmente os Xokleng/Laklãnõ também tinham por costume colocar dois nomes em seus filhos, sua filha por exemplo, *Kóziklã Lag* foi nome colocado em homenagem a sua avó, mãe de seu pai, pois acreditavam na reencarnação de seu ente querido e ela seria então, uma reencarnação de sua avó. *Litáj yoco*, sua segunda filha, seu primeiro nome *Litáj* foi dado em homenagem que sua mãe fez a uma descendente do povo Kaingang, segundo ele significa “grama verde”. *Kojej Kunding*, nome de sua terceira filha, foi colocado para homenagear a sua mãe já falecida. Seu filho tem o nome de *Pemba* em homenagem ao seu avô. Jeonilto ressalta em sua fala da importância de dar os nomes em indígena, não apenas para não deixar o nome ser esquecido, mas também para que de certa forma os ancestrais permaneçam na aldeia, segundo ele, é também um modo indígena de contar a linhagem da pessoa, seu pertencimento para além de quem os gerou. Ele conta ainda que na crença antiga dos Xokleng, existe a reencarnação, por isso da necessidade de dar nome indígena às crianças, para que o espírito ao reencarnar, se adapte facilmente ao contexto que um dia fez parte.

Sabemos que ainda são apenas ideias de poucos, mas que já está fazendo diferença na vida de muitas pessoas o fato de hoje estarem colocando em seus filhos nomes de plantas, animais entre os outros, apesar de que algumas pessoas não concordam ou ainda criticam, mas já sabemos de grande número de nomes que já fazem com que a curiosidade faça-os pesquisar ou tentar saber a história do nome do indivíduo. Alguns nomes curiosos outros bastante chamativos, como por exemplo; *kózzy* (pedra), *Plinã* (samambaia estendida), *kózej* (flor), *kójenh*, *Zaplin*, *kuklun* (panela), *kokóli* (gavião, aripina), *kul* (vestimentas, roupas), *pãnvó*, *pañkle Gonh* (água), *Détxy* (abelha), *Plipatol*, *Dégtã*, *kléj* (pilão), *Laglu* (feijão).

Nas narrativas a mim narradas entendi que os indígenas Xokleng/Laklãnõ mais velhos ainda preferem nomear filhos, netos com nomes de pessoas de sua família e a geração mais nova já está adotando nomes que para nós é muito importante, com propósito de poder estar revitalizando algo que está se acabando ou esquecido diante de

nós no presente. Essas atitudes, reafirmam para nós indígenas que uma planta medicinal, uma árvore nativa, frutífera ou não, têm uma história e uma utilidade para o Xokleng/Laklãnõ, e isso não pode ser esquecido e muito menos ignorado.

No presente, devido a proibição em relação a dar nomes indígenas, conforme já mencionamos anteriormente, o entendimento sobre dar nomes as crianças na língua indígena, entre os mais jovens é tratado com estranheza, os mais velhos entendem que essa estranheza se dá também, por conta das igrejas que adentram na aldeia e por muito tempo, consideraram essa prática uma prática satânica, pois fazia parte da crença Xokleng.

2.1. As formas Xokleng/Laklãnõ de localização no território a partir do nome das árvores

Os Xokleng/Laklãnõ sempre foram povos que percorriam longas distancias entre as matas em busca de alimentos e outras formas de sobrevivência. No campo quis saber sobre os modos de localização nas matas, os mais velhos contam que não era difícil se localizarem, marcavam o caminho nas árvores indicando a direção para onde iriam assim quem viesse atrás, olhava e via se o marco era recente ou antigo. Era preciso saber ler os marcos, por isso mais velhos sempre iam à frente, pois sabiam detectar se o marco na árvore era antigo ou recente e até mesmo se era de povos diferentes. Os velhos também contam que na mata também se localizavam pelas árvores mais altas e ou tipos de árvores que tinha por onde passavam.

Quando paramos para ouvir relatos observa-se que há uma preocupação por parte dos mais velhos da comunidade com tantas mudanças que ocorreram com meio ambiente na Terra Indígena Laklãnõ, a marcar dos primeiros contatos. Nos relatos do professor indígena Joasias Cuiuta Cuzugni, 36 anos, ele lembra que:

[...] Quero aqui compartilhar um fato que vem acontecendo aqui na terra indígena Laklãnõ devido a situação que aconteceu e que está acontecendo no meio do nosso povo depois da tal pacificação e durante toda esta miscigenação do índio com não índio e também teve implantações de implementos aqui que de certa forma acabou nos prejudicando. Tão devido a tudo isso aconteceu impacto ambiental, então onde vivemos hoje não tem aquela condição de nos fazer o que fazíamos no passado ou de nós manter nossa tradição, nossa cultura, pois perdemos muitas coisas. Então, devido a isso tudo

que aconteceu muitos do nosso povo eles observaram isso e querendo ou não parece que estão querendo trazer isso ou preservar através de nomes, nomes com os elementos que a natureza tem, por exemplo, nome de pessoas com nomes de animais, de natureza, pássaros, nome de lugares como pontos de referência, colocando nomes de artesanato, árvores, plantas e assim está acontecendo e eu observando isso vi que isso não está acontecendo só por achar um nome bonito, porque somos um povo que somos de muita espiritualidade, que dependemos da natureza então observei que nosso povo estão querendo resgatar estas coisas que faltam no nosso ambiente, no nosso local onde vivemos. Eu to muito preocupado com isso e vi que nossa geração também está bastante preocupada e algumas famílias colocando nomes assim como estão falando ta... Por exemplo, temos aqui um jovem que o nome dele é panvó... panvó é o nome de uma planta nativa frutífera que o nosso povo depende dele pra sobreviver, a gabioba, temos mais pessoas aqui com nome de beija flor que élégdjyl, temos pessoas com nome de txulag, pessoas com nome de é ...artesanato que é kléj...kópag, assim por diante, temos também pessoas com nome de pássaro o kókoli que pra nossa cultura, pra nos povo Xokleng/Laklãnõ ele tem uma referência muito grande que é um pássaro que nos dá referência quando algo vai acontecer, ele nos avisa pelo seu pio pelo seu gesto que ele faz. A mesma coisa, nós temos a aldeia chamado bugio, bugio é um lugar de referência para nós que nosso kujá invocando o bugio que ele cantava. Então isso não está acontecendo pelo fato de achar bonito, mas sim porque pela espiritualidade e pelo que ele tem de referência para nós. Então nós temos vários lugares e nossos povos estão colocando nomes das pessoas dessa forma. Isso quero compartilhar com vocês.

Desde sempre o povo Xokleng/Laklãnõ tem a natureza como mãe e por isso o respeito por ela. Acreditamos que ela também dá seus sinais quando algo acontecerá, há uma espiritualidade que só os Laklãnõ conseguem descrever em suas conversas e contam que as árvores conversam com nós humanos, é preciso aprender e saber ouvi-las.

Nesse processo de desmatamento e investidas para transição cultural que o indígena sofre diariamente, os mais jovens já não conhecem determinadas árvores, seu nome e o que ela representa para nós. Acabou tendo assim uma separação entre homem e natureza esquecendo que homem e a natureza ainda podem se comunicar, que podem assim manter vivo a espiritualidade, a fala e a história deste povo.

A escola de certa forma tem trazido consigo nestes últimos anos a parceria dos pais nas atividades escolares para que assim não fique fechado só para alunos mas, que os próprios pais possam sentir-se importantes diante dos filhos, ter esta responsabilidade de falar sobre o que sabem sobre cultura Xokleng, o que viram, o que viveram. Uma das atividades que tem chamado bastante à atenção da comunidade são as saídas de campo, nas trilhas onde os alunos tem aula em meio à natureza, lá realizam atividades, fazem suas alimentações, brincam, ouvem e diferenciam o cantar dos pássaros. Estas aulas têm motivado os alunos e muitos pais tem aprovado este tipo de trabalho, mas, ainda assim há uma expectativa de muito mais participação da comunidade para que a escola venha a ser parceira e não responsável total pela educação e ensino dos alunos, trazendo anciões para estar com alunos transmitindo o que sabem e a valorização dos sábios e conhecedores da cultura Xokleng/Laklãnõ.



Foto15: Joasias C. Cuzugni, Serra Verde, aula prática com alunos 2º ano médio (2019). Fonte: Acervo pessoal.

Loth (2004) relata que os Xokleng/Laklãnõ reconhecem seu território através das narrativas dos mais velhos, através dos quais conhecem onde a terra do índio, de antigos cemitérios, de elementos naturais, árvores que teriam plantado em locais específicos e marcavam o tempo da coleta de pinhão e mel, e de material arqueológico,

pedra de que teriam se servido para auxiliar no cozimento de alimentos duros chamados por eles de panela de pressão do índio.

É costume de o povo Xokleng nomear os lugares conforme as características dele, assim temos: lugares com nomes de animais; o nome das aldeias: aldeia Bugio, Figueira, Pavão, Coqueiro, Toldo e Serra do Maestro, em homenagem ao Professor Maestro (primeiro professor a ensinar a língua portuguesa ao povo). Os velhos contam que o Professor Maestro dava suas aulas nas beiras dos barrancos da serra quando de suas andanças. Tem também, o Ribeirão do Jacú; Ribeirão da Traíra e *Zág pil*, por ter um pé de araucária que dava referência para eles chegar àquele local.

Nesse sistema de nomeação dos lugares grande parte das localizações marcadas pelos Xokleng/Laklãnõ na Terra indígena é por algo que aconteceu no local ou nome de animais e até mesmo de pessoas. Pois é característica do Xokleng/Laklãnõ andar sempre em grupos e assim muitas histórias e fatos aconteciam quando iam atrás de caças e cortes de palmitos. Nas conversas com os velhos, esses lugares se tornam pontos de referências para contarem suas histórias. Com o passar do tempo, com a extração de madeiras e invasão de madeiras para a compra de árvores nativa, excesso de corte de palmitos que na época para os Xokleng era uma das formas que encontraram para adquirir bens, alimentos, umas das formas de sobrevivência, fez com que a Terra Indígena Laklãnõ chegasse a um ponto de ser considerada a Terra Indígena desmatada ou terra pelada, onde muitos pensavam que não se conseguiria mais ver o verde de antes. Após um longo período de desmatamento desenfreado, fez com que houvesse intervenção de IBAMA pois já não havia mais controle e assim percebeu-se que muitas das árvores que existiam já estavam e hoje ainda se encontram em extinção, pois poucas são encontradas exemplo cedro (*zu*), peroba (*vãdó*), canela (*põnh m̄ gel*), Sassafrás (*tutol*).

Houve um período de muito desmatamento por parte de muitos indígenas Xokleng juntamente com madeiras como um meio de sobrevivência, forma mais fácil na época, que eu considero período de ingenuidade por parte dos Xokleng, sem assim pensar nas consequências que viriam, como se a derrubada nunca fosse prejudicar, que as árvores nunca fosse terminar pois, aquele momento era o momento de bonança, de comprar tudo que queriam e essa nova forma de viver de certa forma ofertada a eles

acabou deixando-os iludidos e nem perceberam que o proveito pela extração traria consequências futuras.

Com o passar do tempo, os líderes indígenas perceberam a necessidade de rever a ação já causada pelo desmatamento, se opondo as madeiras, aconteceu assim a busca por meios de reflorestar. Juntamente com a Funai iniciaram-se então plantio de eucaliptos. Mas tempo depois se percebeu que esta qualidade de plantação não estava mais sendo útil para a Terra, que muitos córregos estavam secando, pois haviam feito a plantação perto e assim acabava secando a água e o que era para ser benéfico passou a ser prejudicial. Assim como o plantio de fumo que trouxe, uma grande preocupação para a comunidade por causa de agrotóxicos que acabavam poluindo as águas de córregos e rios e seus produtores fazendo uso desenfreado do fumo.

Em meados de 2010 iniciou-se nas aldeias o incentivo para criação de viveiros de plantas nativas o que foi um incentivo aprovado pela comunidade e que de certa forma, para quem fazia essas mudas também passou a ser como meio de sobrevivência para a família. Muitas pessoas da comunidade começaram então a fazer uso dessa prática.

Percebe-se que após este período em que a comunidade cai em si, ouve assim, uma participação maior de líderes para que órgãos pudessem trazer projetos de reflorestamento de diferentes tipos de plantas, com primeiro objetivo para que os indivíduos indígenas pudessem ter retorno de sobrevivência sem machucar a natureza. Então, apesar de que ainda há uma grande quantidade de agricultores de fumo (tabaco), e preocupação com várias extinções de árvores nativas, mas os Xokleng em sua grande maioria, mesmo sem muitos incentivos governamentais vêm fazendo o cultivo por conta própria de plantas nativas em suas casas, seus quintais, por conta também do modo de dar nome as crianças com nomes de árvores, quando dado o nome é considerado importante trazer a árvore de volta, porque segundo os velhos, o homem e natureza e a espiritualidade precisam andar juntos, um é parte do outro. Assim entendo que a partir do momento que alguém recebe um nome que faça parte da cultura Xokleng ele traz consigo uma forma de recuperação, de falar sim através de si mesmo.

Quando questionado João Criri, 43 ano, que foi o primeiro Xokleng a nomear sua neta com nome de *KLÉJ (Pilão, recipiente usado pelos Xokleng para socar o pinhão)* ele afirma dizendo que não estava de modo nenhum saindo ou contrariando a

ideia de ter o nome Xokleng, mas que pensou em colocar um nome diferente para que a criança trouxesse algo que lembrasse a importância para a cultura Xokleng. Hoje Klěj está com dezessete anos e adora seu nome porque em sua fala ela diz que todos querem saber sobre seu nome e ela se sente bem relatando a importância dele para cultura Xokleng e por isso é preciso entender e respeitar a forma de pensar dos mais jovens Xokleng pois de certa forma aprendem assim a falar e transmitir ao menos a história de seu nome.

NOME popular/XOKLENG/LAKLĀNŌ	NOME Xokleng/Laklānō /POPULAR
<i>Kugklej</i> - cortiça	<i>Zutxó</i> Canjarana,
	<i>Kó vātxo zālén</i> (“madeira que nós nos tratamos”) Salvação da nossa senhora
<i>Vādó</i> -peroba	<i>Kagku lá ve- Tajuva</i>
<i>Kujōnh</i> -erva mate	<i>Pānvó</i> -Gabirova,
<i>Zág</i> -araucária /pinheiro	<i>Kag/kutxug</i> - Araçá - alazão
<i>Détėj</i> -palmeira /palmito	<i>Kag kupli</i> - Araçá -branco
<i>Tanh jun</i> - coqueiro	<i>Kutxán</i> -(Ingá) Ingá -banana
<i>Délāl zėj</i> - ticum	<i>Kutxán</i> -Ingá -feijão
<i>Tanh</i> -coqueiro	<i>Kógkoj</i> -Tarumã
<i>Kuvynh</i> - vassourinha do campo	<i>Tutol</i> - sassafras
<i>Tanh ve</i> coqueiro indaial	<i>Pónh bág</i> - gel (canela) Canela -bicha,
<i>Dén kónã zul</i> -Laranja - vermelha Citrus	<i>Pěnh gōnh</i> -Canela -fogo
<i>Kuvynh</i> -Vassourinha - do -campo -	<i>kagtolin</i> - imbiruçu
<i>Klějkupli</i> -Ipê amarelo	<i>Panvó</i> - gabiroba
<i>Klějtxá</i> - Ipê -roxo	<i>Ba</i> - jabuticaba
<i>Katotogve</i> - Mamão do mato	<i>Zágklěvě</i> - pau óleo
<i>Kuvo</i> -Tanheiro	<i>Pěnh gōnh</i> - canela fogo
	<i>Pónh bág</i> - gel <i>txá</i> / Canela -preta
<i>Kagkótěl</i> - Óleo, Pau - Óleo.	
<i>Dolō</i> - Vara -de - Cutia	<i>Tulam</i> -cravo da índia

<i>Pétul</i> - Fumo - bravo	<i>Vanhguzej</i> -urtiga
<i>Katōtanh</i> -Caxeta	<i>Zunh</i> -guiné
<i>Kugklej</i> - Embira,	<i>Plã ou plãl</i> - cipó imbé
<i>Vãnhguzéj</i> - Urtiga	
<i>Kuvo</i> - Botoqueiro	
Dengo zej - Pai-do-mato	
Ba- Jabuticaba	
Kukev- dug- Pé de galinha	
Pãnvó- Gabirova,	
Dén kónã-ameixa	

Tabela 1. Tabela de plantas encontradas na T.I Laklãnõ e algumas já em extinção. Composição nossa.

2.2. A dança das árvores e a dança da voz

A relação do povo Xokleng/Laklãnõ, com os animais é algo bastante ressaltado nas conversas dos velhos da Terra Indígena, assim como a relação os espíritos deles. Os velhos lembram, ao narrarem suas histórias desse gênero, que para matar um animal precisavam pedir sempre autorização, para tirar o mel conversavam com as abelhas e por isso sempre falamos que para os Laklãnõ, os elementos da natureza são dotados de espírito, seres para nós invisíveis mas passíveis de se comunicarem, criando assim, ambientes agradáveis para convivência.

De acordo com a análise de Castro (2002), é comum dos povos ameríndios a capacidade de se comunicarem com os espíritos de animais, de plantas e mesmo de seres inanimados que por sua vez podem se manifestar na forma humana. Essa afirmativa também é válida para o povo Xokleng/Laklãnõ, representados na figura do *Kujá* (líder espiritual).

Segundo o *Kujá* todos os elementos da natureza possuem espíritos, sendo um entendimento comum ainda entre os Laklãnõ. Um dos exemplos mais vistos é acreditar nos sinais do gavião conhecido por nós Xokleng/Laklãnõ como *kokóli*. Ele é uma ave

que dá sinal quando alguém vai morrer por exemplo. Hoje temos até crianças com este nome, pois a consideram a ave sabia e ágil.

Estes cuidados com a natureza pelo povo se dá como a um ente da família, demonstrados por meio de sentimento de afeto e de pedido de permissão de uso. Leff (2002) afirma que as sociedades tradicionais demonstram um extremo sentimento de respeito a natureza. Portanto, a espiritualidade e a relação com a natureza do nosso povo são consideradas fundamentais, pois é também, a ligação entre o presente e o passado, representa a ancestralidade e o respeito a ela.

Segundo Gakran, indígena Xokleng/Laklãnõ, a habilidade de comunicação com os seres da natureza é comum a qualquer indivíduo em suas atividades do cotidiano, como a caça e a agricultura. A comunicação com a natureza é possível, porque segundo suas crenças e costumes, todos os elementos da natureza têm espírito, pois para os Xokleng/Laklãnõ, este hábito faz parte do conhecimento Popular. Segundo o povo, o ser da natureza, quer seja da flora ou da fauna, estabelece uma teia espiritual com as pessoas. Deve-se sempre respeitar aquele que está interligado espiritualmente com sua linhagem.

No campo, foi possível ouvir histórias dos mais velhos sobre suas conversas e os modos de se comunicar com as árvores e os animais.

O ancião Patte Vanhecu de 79 anos, conta que sobre as formas que se deve lidar com as árvores para saber ouvi-las. Olha... não é de qualquer jeito que se lida com as árvores...é preciso saber bem certinho os segredos dela, quando você vai tirar para fazer um chá ... conta para ela e se você vai tirar abelheira da árvore explica, olha vou tirar de você O mel, meus filhos, minha família precisa muito então não fica brava comigo.

A anciã Konhko de 72 anos, conta que: O esposo vai lá conversa com a árvore (kó tō vānhxõ zalem) e diz pra ela a que ta acontecendo e para tirar a casquinha dela tem que ser de baixo para cima, para que a mulher não perca seu bebê e após agradece e muito tem feito tudo errado e por isso não vai dar certo, a natureza é nossa mãe, ela precisa de respeito.

Ouvindo sua fala pude perceber que enquanto cada um de nós não parar para respeitar a vontade da natureza muitos não terão a resposta que precisam para realizar

desde a parte medicinal quanto espiritual. É necessário que tenha respeito e tenha diálogo para que desde o momento que irmos a natureza coletar algo para nos medicar nós devemos explicar e dizer para a planta o que está acontecendo e o porquê da necessidade de estar ali e assim o efeito do chá será garantido.

Os velhos narram também sobre o ranger das árvores. Afirmam que quando uma encosta na outra e faz aquele barulho e muitos ouviam de longe, então ficavam preocupados porque alguém morreria.

M e lembre bem quando íamos para o mato com meu pai, onde na época pegavam borboletas e vendiam ou palmitos, quando estávamos subindo a serra ele ouviu o ranger da árvore e então parou e nos disse que não éramos para sair de perto dele porque havia sinal de que algo aconteceria ,um acidente então ficávamos bem perto dele ou sentadinhos porque ele tinha medo que acontecesse algo com nós.

A anciã *Konhko* faz questão de registrar também sua preocupação com as faltas de matas nativas. *Precisamos recuperar nossas matas, ou como nossos filhos e netos vão saber de tantas coisas importantes para eles... Vocês tem que aprender a respeitar, quando a pobreza for grande você vão ter a natureza porque elas vão dar casa, comida e remédio pra vocês e hoje ninguém mais quer plantar árvore mais, nós precisamos ver elas de novo ao redor da nossa casa para os filhos de vocês brincarem e conhecer cada uma delas.*

Concluindo sua fala entendi que enquanto não houver respeito em relação à natureza e cada um fazer a sua parte seremos analfabetos em conhecimento, porque falar sobre determinada planta é fácil, mas na prática poucos conhecem e sabem da importância de cada uma.

Para Gakran (2016), conversar com a natureza, entre os Xokleng/Laklãnõ, não foi descrito apenas como algo restrito aos kujá ‘pajé’, como para alguns povos indígenas,

[...] Antigamente, quando os Xokleng/Laklãnõ viviam no mato, tinham uma relação de afeto com a natureza, conversavam com ela para conseguirem o que precisavam. Em razão disso, não tinham medo das cobras e não precisavam matá-las, pois conversavam com elas para que não lhes picassem. Neste sentido, entre os Xokleng/Laklãnõ, a habilidade de comunicação com os seres da natureza é comum a qualquer indivíduo em suas atividades do cotidiano, como a caça e a agricultura. A comunicação com a natureza

é possível, porque segundo suas crenças e costumes, todos os elementos da natureza têm espírito, pois para os Xokleng/Laklãnõ, este hábito faz parte do conhecimento popular. (GAKRAN, 2016, p. 2)

O pesquisador indígena Xokleng registra também que segundo o povo, o ser da natureza, quer seja da flora ou da fauna, estabelece uma teia espiritual com as pessoas. Deve-se sempre respeitar aquele que está interligado espiritualmente com sua linhagem. Assim, os seres espirituais da natureza levam o nome de gyjun (espírito) e acima desses há um maior que comanda designado de gyjun tō gynh mō nē (espírito que está acima) ou ãgglēnē (alguém acima de nós). Este ser maior foi relacionado com o nome de Jesus, adaptando as crenças cristãs às crenças tradicionais Xokleng/Laklãnõ.

A natureza é nossa mãe! Precisamos ouvi-la. Ainda quando criança, me recordo de meu pai dizendo quando estávamos na mata, filha, hoje não tem vento, mas as árvores estão agitadas, se preparem porque a seca está se aproximando. Precisamos ver como está a água nos poços e se preparar por que este ano, as árvores estão dizendo que vai ter chuva de pedras. Então todos nos preparávamos. Ele dizia também: Não se preocupa não, o vento está balançando as árvores, os galhos, as folhas estão dançando para baixo, é sinal bom.

Para nós do povo Xokleng as árvores nos dão sentido para seguir, mas é preciso entendê-la, respeitá-la, compreender seu dançar.

É preciso que volte a terra indígena Laklãnõ bons entendedores e interpretadores para entender e compreender o que a natureza nos quer dizer, ou tudo não passará de pequenos detalhes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o Xokleng/Laklãnõ ter nome indígena é manter viva uma geração que já passou por vários processos de extermínio. Ao longo do estudo, podemos perceber as mudanças sofridas, após o contato, o que fez com que houvesse uma mudança na forma de viver do povo Xokleng/Laklãnõ. Percebemos nas narrativas dos velhos, que após o contato e posterior construção da Barragem Norte, a Terra Indígena ainda passa por um momento crítico da vida cotidiana. Com a diminuição do território, a devastação da mata ciliar e assim como outras formas de viver em sociedade trazidas com o contato, o

povo se vê ainda hoje obrigado a se adaptar para sobreviver. Junto com a floresta, a cultura tradicional, os costumes indígenas sofrem perda gradativa e sem volta. Embora o povo venha se munido de estratégias de preservação cultural e ambiental, para preservar seus modos de vida, muitas coisas estão apenas nas memórias dos velhos, como algo impossível de ser retomado, o que é preocupante.

É necessário aceitar que houve sim grandes perdas de costumes por parte do povo indígena de suas culturas, mas não por que ele quis. Foi obrigado para estar vivo. E, quando os mais jovens resolvem nomear seus filhos com nomes de plantas ou outros significados com total certeza na vida de cada criança renasce uma história Laklãnõ, revive uma planta que já estava extinta. Renasce com o nome, entes queridos na vida das famílias e para o povo.

E a escola, reconfigurada aos moldes de pensar a educação do povo, embora ainda com passos ainda muito lentos, pois sofre a negação do Estado, no que se refere a uma escola indígena específica e diferenciada, tem sido grande incentivadora para revitalização cultural. Essa revitalização, tem nos anciões sua base. Os anciões da comunidade estão assistindo as aulas e ajudando as crianças a compreender essa nova época que estão vivendo. Porém, em suas falas, a natureza, a mata é a grande escola, a natureza é o elemento fundamental para a vida do povo. Representa a vida, força e renovo para o dia a dia.

E quando falamos de impacto ambiental, perdas da história dos Xokleng/Laklãnõ é isso, para não deixar de lado as histórias de vida de um povo. Acreditar que quando as árvores se balançam, estão dançando, estão nos dizendo alguma coisa, que tudo está bem ou se uma delas cair pode sim ser alguém dos nossos índios que vai nos deixar. Acreditar que os pássaros nos avisam com seus cantos, que os animais com seus gritos ou berros estão anunciando que algo vai acontecer. Mas, hoje a mata em suas danças pede socorro, talvez não por ela, mas por nós, pela nossa continuidade enquanto ‘gentes racionais’, seres humanos.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Marcia Fusinato Barbosa (2016). A Barragem Norte e suas influências na formação socioespacial em José Boiteux - SC. 141f. Dissertação (Mestrado em

Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) - Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LEFF, Enrique (2000). *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Editora da FURB. Blumenau, 2000, (Tradução de Jorge Esteves da Silva).

Favret-Saada, J. (1997). *Les mots, la mort, les sorts*. Paris, Ed. Gallimard.

LEFF, Enrique (2006). *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVY, A. (2001). *Ciências Clínicas e Organizações Sociais*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

LIMA, Deborah (1999). *A construção histórica do termo caboclo*. *Novos Cadernos NAEA* v 2. dezembro, 1999.

LOTH, Silvia (2004). *Arquiteturas Xokleng Contemporâneas*. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2004.

GAKRAN, Nanblá. *Alma Sobrevivente no Contexto da Crença Tradicional Laklãõ (Xokleng)*. In: *Saberes e Espiritualidades Indígenas: (Orgs.)*. MARKUS, Cledes; ALTMANN, Lori; GIERUS, Renate. São Leopoldo/RS: Editora Oikos, 2016. p.123-142.

NIMUENDAJÚ, Curt. (1944), *O Timbira Orientais*. Manuscrito (tradução do próprio autor a partir do original alemão). (1946), *The Eastern Timbira*. Berkeley, University of California Press.

VIVEIROS, Eduardo de Castro. *Transformação na antropologia, transformação da antropologia*, *MANA* 18(1): 151-171, 2012

_____, *O campo na selva, visto da praia*, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 170-190.

_____, *O nativo relativo*, *MANA* 8(1): 113-148, 2002

_____, *A inconstância da alma selvagem- e outros ensaios de antropologia*, São Paulo.

